

CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE NA MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA

ALÉM DO RIO,
TERRAS DE CAMBAS



CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE NA MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA

ALÉM DO RIO,
TERRAS DE CAMBAS



CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE NA MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA

Os rituais do quotidiano mudaram muito nas últimas décadas. Apenas os rituais de festa, de identidade ou os ligados ao Sagrado e sobrenatural, frequentemente ligados entre si, mantêm-se, se bem que em continua transformação e com alguma dificuldade, ofuscados pelos “eventos” globais, difundidos pelos meios de comunicação de massas. Muitas vezes, é o valor patrimonial acrescido destes rituais o que os mantém vivos.

As festas religiosas e populares, hoje muito mais imbuídas de um intuito lúdico do que espiritual, continuam a pautar os ritmos do ano das comunidades rurais. A festa de aldeia e o seu ansiado bailarico ainda são os momentos de sociabilidade onde têm lugar inconscientes rituais de passagem.

Estas expressões da espiritualidade popular, frequentemente alheias aos desígnios atuais da Igreja Católica, estão em acelerado risco de extinção. Antigas devoções a “escuros” santos milagreiros, são substituídas pelo culto a Nossa Senhora de Fátima. Igualmente, encontram-se em risco, mas sem qualquer registo ou materialidade que testemunhe a sua memória, rituais de origem pagã e transmitidos de geração em geração, geralmente por mulheres, e no limiar do aceitável pelas hierarquias eclesiásticas. Benzeduras, gestos protetores do lar e da família, orações por doentes e membros mais frágeis da sociedade ou procissões pedindo chuva são rituais

com raízes pagãs atualmente qualificadas apenas de superstições, sinais de atraso e falta de cultura e instrução.

O valor histórico e artístico das materialidades associadas a estes rituais é, sem dúvida, o que tem sido mais estudado e preservado e, até, transformado em objeto de atração turística. É assim que surgiu o projeto “Caminhos da Religiosidade das Terras do Baixo Guadiana” (ALT20-06-5141-FEDER-001141), desenvolvido pelo Campo Arqueológico de Mértola e apoiado pela União Europeia com financiamento do FEDER, através do programa Alentejo 2020, com o intuito de mostrar a religiosidade como uma marca identitária e diferenciadora da região.

O seu objetivo principal foi contribuir para a preservação do património cultural religioso local, procurando a sua valorização e divulgação.

O projeto previa, ainda, a promoção de valores ambientais e de equilíbrio com a natureza, especialmente porque uma boa parte dos lugares sagrados da religiosidade popular gozam também de um elevado valor paisagístico. Assim, mais do que divulgar as expressões artísticas canólicas, o projeto pesquisava nas manifestações populares do concelho e promovia Igrejas rurais, singelas e coloridas, arranjadas pelas devotas, e recuperava lendas e tradições, como as dos três e dos sete irmãos, nas quais se enlaçam várias ermida e capelas erguidas nas cumeadas montanhosas.



ALÉM DO RIO, TERRAS DE CAMBAS

A delimitação do termo concelhio de Mértola ficou associado às vicissitudes políticas e militares da formação do reino entre a conquista da urbe aos mouros, em 1238, e o tratado de Alcanices de 1297, no qual se fixaram as fronteiras com Castela. Na parte de além Guadiana, os seus limites oscilaram entre a vasta região doada à ordem de Santiago, em 1239, que se estendia das cercanias de Serpa a Alfajar de la Peña e a Ayamonte, e a circunscrição, depois ratificada, cujos contornos ficaram estabelecidos, sobretudo, na extensa linha fluvial do rio Chança, marco natural que delimitava, a este, a terra portuguesa da castelhana, e na ribeira de Limas e contornos serranos contra Serpa, a norte.

Neste alargado domínio, dito de Cambas, nome que traduzirá o escambo (troca) de jurisdição de que foi objeto, em tempo de D. Dinis, entre a coroa e os cavaleiros de Santiago, organizaram-se duas paróquias, as de Santana de Cambas e de Corte do Pinto, e parte da de Mértola, que integrou uma extensa faixa marginal ao Guadiana entre as circunvizinhanças da vila e o limite concelhio, a norte.

O povoamento rarefeito e pouco expressivo do território na época medieval conduziu à solução inicial de erguer as igrejas matrizes afastadas dos núcleos urbanos, em sítios

de relativa equidistância entre os povoados que compunham as paróquias. Esta realidade começou a serposta em causa no século XVI com o crescimento económico e demográfico de alguns dos aglomerados, a ponto de se tornarem os lugares centrais da paróquia e imporem a deslocalização do templo para o seu seio. Foi o que sucedeu com as aldeias de Vasco Dias e Corte do Pinto, que promoveriam a construção de novas, mais amplas e enriquecidas igrejas matrizess no espaço das respetivas urbes, com as antigas, a partir das quais se havia forjado a identidade paroquial e os vínculos espirituais e religiosos entre os fregueses a perderem, progressivamente, a sua importância. Este fenômeno acabou por proporcionar outras roturas com o passado medieval, como a da mudança dos próprios oragos paroquiais, com o templo de Corte do Pinto a deixar de estar consagrado a São Simão e a São Judas para abraçar o culto a Nossa Senhora da Conceição, bem como a conversão ao culto a São Bento da antiga e rústica igreja medieval de Santa Ana. A nova matriz erguida em honra da “santa mãe” conduziu, por seu turno, a que se abandonasse o antigo nome da aldeia, Vasco Dias, que evocava o seu povoador, e emergisse um novo e moderno topónimo identitário, o de Santana de Cambas, que conjugava o

título da velha padroeira com o território paroquial em que todos se reconheciam.

Para lá das matrizes medievais, que se viram convertidas em ermidas, e das novas igrejas paroquiais quinhentistas, não foram muitos os templos que se fundaram no vasto território de além do Guadiana, a saber, as capelas de Santa Luzia (Corte do Pinto), de São Domingos (Santana de Cambas) e de São Brissos/Nossa Senhora do Amparo e São Salvador (Mértola). À exceção desta última, que servia o povoado de Corte de Sines e que terá pretendido alcançar o estatuto de paroquial no século XVI, as demais, erguidas em locais ermos, foram objeto de animadas romarias e de forte devoção dos fiéis até aos séculos XVIII e XIX: a Santa Luzia, concorriam em busca de proteção para as doenças dos olhos, a São Domingos, depois de tomarem um banho santo no pego que lhe ficava próximo, rogavam a cura das maleitas da sarna e, a São Brissos e Nossa Senhora do Amparo, depois de subirem o íngreme cerro em que o templo se encontra e do qual se divisa a extensa paisagem circundante, imploravam por chuvas e outros favores da Natureza.

Se todos nasceram no quadro da piedade medieval, a ermida dedicada a São Brissos é claramente a que

reveia marcas históricas e sacras de maior antiguidade, estando associada à existência de um templo datável do século VII e, na religiosidade popular, à lenda, que cronistas dos séculos XVI e XVII difundiram, do martírio deste santo, supostamente nascido em Mértola, às mãos dos ímpios romanos nos alvares do século IV. À luz da tradição, que aqueles também veicularam, São Brissos, «varão de louváveis virtudes», era irmão de São Barão e de Santa Bárbara, também naturais de Mértola, tríade santificada que daria fundamento à lenda dos «três irmãos mártires» e que se integra, num plano mais alargado, na também lenda «dos sete irmãos», que remete para a sacralização de cumes serranos entre Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde) e São Gens (Serpa), que se avistam reciprocamente.

No quadro dos cultos que emergiram e se materializaram no seio dos templos (altares e imagens religiosas), a devoção aos santos é claramente superior à mariana e cristológica (figuradas, sobretudo, nas imagens de Nossa Senhora do Rosário e do Menino Jesus). Se se assistiu, por força do movimento de catequização impulsionado pela Igreja a partir do século XVI, a uma tentativa de marijanização dos cultos (a consagração da ermida a São Brissos a Nossa Senhora do Amparo e da nova matriz

de Corte do Pinto a Nossa Senhora da Conceição é disso exemplo), os fregueses tenderam, não obstante, a centrar a sua devoção quotidiana em santos que a religiosidade popular conferia elevados poderes de intercessão, como São Sebastião (males da peste); São Pedro (boas colheitas); São Miguel e São Luís (proteção dos gados), Santo Amaro (maleitas das pernas); Santo António (santo milagreiro por excelência), etc.

Com a progressiva laicização dos costumes e o relaxamento das práticas religiosas, na atualidade as marcas devocionais nesta parcela importante do território de Mértola estão sobretudo presentes nas festas em honra dos padroeiros paroquiais, como as dedicadas a Santa Ana, em Cambas, e a Nossa Senhora da Conceição, em Corte do Pinto, ambas no mês de agosto.

PARÓQUIA DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CORTE DO PINTO

IGREJA PAROQUIAL CORTE PINTO

A igreja ergue-se no centro da aldeia, numa colina. Foi claramente o elemento estruturador do tecido urbano do povoado, com os eixos viários a convergir para o templo e o seu adro.

< **Orago** > Nossa Senhora da Conceição

< **Orago primitivo** > Simão e São Judas

< **Localização** > Largo D. José do Patrocínio, Bispo de Beja, Corte do Pinto, concelho de Mértola

< **GPS** > 37.70306543790452, -7.481351471968558

< **Cronologia** > Fundação: anos 50 do século XVI | Remodelações: séculos XVIII-XIX-XX.



1

1. Perspetiva geral da igreja de Corte Pinto.

2. Fachada principal da igreja.



2



3



5



6



4

3. e 5. Perspetiva geral do interior da igreja Corte Pinto.

4. Altar lateral.

6. Santa Luzia.

7. Altar-mor.



7

PARÓQUIA DE SANTANA DE CAMBAS

IGREJA PAROQUIAL DE SANTA ANA

A igreja situa-se na aldeia antigamente chamada de Vasco Dias, atual aldeia de Santana de Cambas, na vertente periférica, a oeste. A sua localização está também associada à malha viária do território envolvente, aos caminhos que conduziam aos diferentes lugares da paróquia quando esta se institui na aldeia de Vasco Dias, a futura Santana de Cambas.

< Orago > Santa Ana

< Localização > Localização medieval (fundação trecentista): Lugar ermo de Cambas. Localização moderna (fundação quinhentista): Rua Tomás António Revez, Santana de Cambas, concelho de Mértola

< GPS > 37.62405998771115, -7.526870930581644

< Cronologia > Fundação: 1565-1566 | Acrescentos – remodelações: séculos XVII-XVIII-XIX-XX.

Perspetiva geral
da igreja e do
povoado de Santana
de Cambas.





1. Perspetiva geral do altar-mor.

2. e 4. Perspetivas gerais do interior da igreja de Santana de Cambas.

3. Altar lateral.

5. Fachada principal da igreja.

IGREJA DE SÃO DOMINGOS

O templo original de culto a São Domingos foi sacrificado quando a mina se expandiu e foi construído um novo.

< Orago > São Domingos

< Localização > Localização primitiva: Serra de São Domingos, entre as ribeiras de Cambas e Chança. Localização atual: Rua Catarina Eufémia, Mina de São Domingos, concelho de Mértola

< GPS > 37.67338655439394, -7.499136973141307

< Cronologia > Fundação: séculos XIV-XV | Desaparecimento: século XIX (3.º quartel) | Refundação: século XIX.



1

1. Fotografia antiga de Mina de São Domingos com a igreja que foi destruída.

2. Perspetiva geral do exterior da igreja.



2



CAPELA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO

A capela está situada num cerro proeminente das cercanias de Mértola, junto à qual existem vestígios de ocupação humana datáveis dos séculos V a IX e se encontraram fragmentos de um pé de altar dum templo do século VII, registo que deverá corresponder à primeira sacralização do local. O edifício, na composição formal e volumetria que apresenta, data de 1989.

1

< Orago primitivo > São Brissos

< Orago atual > Nossa Senhora do Amparo

< Localização > Cerro de Nossa Senhora do Amparo, concelho de Mértola

< GPS > 37.64137602073235, -7.588700978548295

< Cronologia > Sacralização do local: século VII (?) | Fundação: séculos XIV-XV | Abandono: anos 10 do século XX | Refundação: 1989.

< Piedade popular > Novenas rogando a intercessão por chuvas em períodos de seca prolongada.

1. Imagem de S. Brissos (?) (Museu Arte Sacra Mértola).

2. Perspetiva geral do exterior da ermida.



2

CAPELA DE SÃO SALVADOR

A capela está situada num outeiro na banda nascente do povoado e foi erguida por iniciativa de um lavrador com o concurso do povo, em 1935, como assinala uma lápide na fachada.

< Orago primitivo > São Salvador

< Localização > Aldeia de Corte de Sines, concelho de Mértola

< GPS > 37.71120614062922, -7.608040789157953

< Cronologia > Fundação: século XIV? | Reconstrução: meados do século XVI | Refundação: 1935.

Perspetiva geral
da capela.



PARA SABER MAIS

BARROS, Maria de Fátima; BOIÇA, Joaquim; GABRIEL, Celeste (1996)
– As Comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As visitações e os Tombos da Ordem de Santiago 1482-1607. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1996.

BOIÇA, Joaquim (1998) – Imaginária de Mértola, tempos, espaços, representações. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

BOIÇA, Joaquim (coor.) (2001) – Museu de Mértola. Porta da Ribeira – Arte Sacra. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima (1995) – As Terras, as Serras, os Rios. As memórias paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

Ermida de São Bento
(templo arruinado,
primitiva igreja
paroquial de Cambas).



AGRADECIMENTOS

Augusta Jacob, Daniel Cardeira, Dores Lopes,
Fátima Brás, Fernando Lopes, Isabel Valente,
Isabel Rosário, Lucília Afonso, Luís Antero,
Julieta Bernardo, Maria Júlia Carrasco, Natália
Cardeira, rui Barão Colaço e Vítor Menas.

Título

CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE
NA MARGEM ESQUERDA DO GUadiana

Edição

Campo Arqueológico de Mértola

Coordenação do projeto

Susana Gómez Martínez e Sandra Rosa

Textos

Joaquim Boiça

Imagens

João Romba e Arquivo do Campo Arqueológico de Mértola

Mapas

Nélia Romba

Concepção gráfica

Edições Afrontamento, Lda. | Departamento Gráfico

ISBN: 978-972-9375-61-3

Depósito legal: 501437/22

Impressão e acabamento

Rainho & Neves, Lda. – Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Mértola 2022

Projeto: «Os Caminhos da Religiosidade» ALT20-06-5141-FEDER-001141

Parceria:

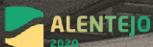


Apoio financeiro da União Europeia FEDER | Alentejo 2020



Projeto: «Os Caminhos da Religião» ALT20-06-5141-FEDER-001141

Parceria:



Apoio financeiro da União Europeia FEDER | Alentejo 2020



Siga os caminhos em <https://www.camertola.pt/info/projetos>

